

A sistemática de auto-avaliação do Programa de Pós-Graduação em Educação (currículo) da PUC/SP

ANA MARIA SAUL

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo) da
PUC/SP
anasaul@uol.com.br

Resumo

A autora registra que este texto foi motivado por um convite que lhe foi feito para participar de um Seminário de Avaliação da Pós-Graduação na USP, em dezembro de 2001, com o objetivo de debater a sistemática de auto-avaliação, em desenvolvimento, no Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo) da PUC/SP. A auto-avaliação, como é aqui proposta, reaparece no bojo do debate que se instalou na última década e que coloca a área de Educação frente ao dilema de “ajustar-se ao figurino” da CAPES, atendendo aos critérios das “áreas duras”, ou resistir ao modelo vigente de avaliação, procurando novas formas de organização que descortinem caminhos mais significativos e legítimos para os Programas de Pós-Graduação. Esta sistemática é apresentada como uma prática valiosa, viável, sobretudo porque se insere no cotidiano do Programa e está sendo re-significada coletivamente pelos professores e alunos deste Programa de Pós-Graduação. Tal modalidade de avaliação, compõe, ao lado da avaliação externa, um modelo interessante onde os professores e alunos assumem solidariamente a reflexão sobre as suas práticas de ensino e pesquisa, visando ao aperfeiçoamento do Programa de Pós-Graduação. O texto apresenta os fundamentos teórico-metodológicos da atual sistemática de auto-avaliação deste Programa, a partir de respostas às questões: “Como entender o processo de avaliação?” “Por que auto-avaliação?” “O que avaliar?” “Quem avalia?” e “Como avaliar?” O último tópico do artigo relata o percurso desta experiência que está sendo construída e vivenciada neste Programa de Pós-Graduação.

Palavras-chave: avaliação, avaliação da pós-graduação, auto-avaliação, avaliação PUC-SP, currículo.

Resumen

La autora registra que el texto ha sido motivado por una invitación para que participara de un Seminario de Evaluación del Post-Grado en la Universidad de São Paulo, USP, en diciembre de 2001. El Seminario buscaba discutir la sistemática de auto-evaluación - ahora en desarrollo - en el Programa de Post-Grado en Educación (Currículo) da PUC/SP. La auto-evaluación como aquí se propone, reaparece en el núcleo del debate que se ha instalado en la última década y que pone el área de Educación frente a un dilema: “ajustarse al molde” de la CAPES, atendiendo así a los criterios de las “áreas duras” o resistir al modelo vigente de evaluación, buscando nuevas formas de organización que descortinen caminos más significativos y legítimos para los Programas de Post-Grado. Esta sistemática es presentada como una práctica valiosa y viable, sobretudo porque se encuentra en el cotidiano del Programa y es ahora re-significada colectivamente por los profesores y alumnos de este Programa de Post-Grado. Tal modalidad de evaluación compone, junto a la evaluación externa, un modelo interesante donde los profesores y alumnos asumen de

manera solidaria la reflexión sobre sus prácticas de enseñanza e investigación, visando al perfeccionamiento del Programa de Post-Grado. El texto presenta los fundamentos teórico-metodológicos de la actual sistemática de auto-evaluación de este Programa a partir de respuestas a las cuestiones: "¿Cómo entender el procedimiento de evaluación?" "¿Por qué la auto-evaluación?" "¿ Quién evalúa?" y "¿Cómo evaluar?" El último tópico del artículo relata el recorrido de esta experiencia en este Programa de Post-Grado.

Palabras-clave: evaluación, evaluación de post-grado, auto-evaluación, evaluación PUC-SP, currículo.

Abstract

This text stems from an invitation to participate in a Seminar on the Evaluation of Post-Graduate Studies at the University of São Paulo in December 2001. It aims at debating the self-evaluation system being developed at the Post-Graduate Program in Education (Syllabus) at the Catholic University in São Paulo. Self-evaluation, as proposed in this paper, has been part of a ten-year long debate over the area of Education's dilemma as to "follow the dictates" of CAPES, complying with the criteria set down for the "hard areas" or resisting the current evaluation model, looking for new forms of organization, which will reveal more meaningful and legitimate roads for Post-Graduate Programs. Self-evaluation is presented as a valuable and viable practice, especially because it is part of the Program's routine and is being collectively re-signified by the Program's teachers and students. This type of evaluation associated with the external evaluation makes up an interesting model in which teachers and students are solidarily engaged in reflecting about their teaching and research practices, aiming at the improvement of the Post-Graduate Program. The text presents the theoretical-methodological framework of the Program's current self-evaluation practice, based on answers to the following questions: "How are we to understand the process of evaluation?" "Why self-evaluation?" "What should be evaluated?" "Who evaluates?" "How should one evaluate?" The last topic of the article describes the course of this practice, which is being built and experienced at the Post-Graduate Program.

Key words: evaluation, post-graduate studies evaluation, self-evaluation, PUC-SP evaluation, syllabus.

Primeiras Palavras

Este texto foi motivado por um convite que recebi para participar de um Seminário de Avaliação da Pós-Graduação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em dezembro de 2001, com o objetivo de apresentar e debater a Sistemática de Auto-Avaliação, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo) da PUC/SP.

Este Seminário significou uma importante ação no bojo do mais recente movimento que a área de Educação realiza, no sentido de ter a sua voz reconhecida no tocante à sistemática de avaliação dos cursos de Pós-Graduação realizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES.

O debate sobre a avaliação da pós-graduação não é novo. Data de meados da década de 70 quando, oficialmente, a CAPES implantou uma sistemática de avaliação para credenciamento e reconhecimentos dos cursos.

Na área da Educação vários embates foram travados; nascidos, inicialmente, no âmbito dos próprios cursos que se insurgiam contra a sistemática utilizada. O debate foi levado para o fórum da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd que fez várias ações no sentido de alterar a sistemática. Os avanços conseguidos pela área, neste particular, foram mais de caráter político do que teórico-metodológico. Conquistou-se cada vez mais espaço para contar com a presença de pares, escolhidos pelos próprios Programas, nas comissões de avaliação. Porém, a mudança da sistemática propriamente dita, na direção de a mesma incorporar critérios mais adequados a uma área das ciências humanas, ainda está por ser feita.

Mais recentemente, o debate sobre a avaliação dos cursos teve como cenário o Fórum dos coordenadores dos cursos de Pós-Graduação em Educação – EDUFORUM; o movimento atual acena novamente com a esperança de uma proposta que possa atender aos anseios da comunidade acadêmica da Pós-Graduação desta área. A implantação de uma nova sistemática vai requerer, sem dúvida, uma forte organização e articulação da área de Educação, no concerto das demais áreas das Ciências Humanas, para enfrentar a soberania das chamadas “áreas duras” na CAPES.

Os cursos de Educação têm vivido, especialmente nesta última década, uma forte tensão que os coloca entre o "ajustar-se ao figurino" da CAPES, fazendo com que os seus relatórios atendam aos critérios, nem sempre conhecidos por todos, das “áreas duras”, e a tentativa de resistir ao

modelo vigente de avaliação, procurando formas de organização para encontrar caminhos mais significativos e legítimos.

No bojo deste debate, a auto-avaliação, veementemente contestada por aqueles que propugnavam a objetividade na avaliação e, por isto mesmo, defendiam exclusivamente um modelo de avaliação externa, hoje deixa de ser vista como um mecanismo de autoproteção dos programas frente a eventuais resultados negativos decorrentes da avaliação externa. Esta modalidade de avaliação passa a ser proposta e discutida como um caminho que, ao lado da avaliação externa, pode compor um modelo interessante e valioso, com vistas ao aperfeiçoamento dos programas.

É importante destacar que, na literatura internacional sobre Avaliação Educacional, a polarização que se instalou entre a avaliação externa e a auto-avaliação, contrapondo-se uma à outra, é questão solucionada de há muito. É consenso, portanto, que estas duas modalidades se complementam, apresentando-se como dimensões importantes de um mesmo processo de avaliação educacional.

Trata-se portanto de, ao lado de ressignificar a auto-avaliação, no contexto da avaliação de um Programa de Pós-Graduação, encontrar uma arquitetura para a mesma que explicita os seus fundamentos teórico-metodológicos e que enseje uma prática viável, cujos resultados possam ser reconhecidos como importantes para a melhoria dos Programas.

1. Construindo a sistemática de auto-avaliação no Programa de Educação (Currículo) da PUC/SP

Os professores e alunos do Programa de Pós-Graduação (Currículo) da PUC/SP, no atual momento da vida do Programa, colocam em prática uma nova sistemática de auto-avaliação.

O valor atribuído à auto-avaliação é altamente reconhecido neste Programa. Ela constitui meta do plano de gestão do atual coordenador do Programa, professor Antonio Chizzotti, eleito em 2001. Deve-se ressaltar todavia que a auto-avaliação, neste Programa, não é uma prática nova.

Desde a década de 80, este Programa se inscreve no cenário da produção e do debate sobre a questão da Avaliação da Pós-Graduação. Isto se explica pelo fato de a área de Avaliação Educacional estar intimamente relacionada à área de Currículo. Assim, o Programa mantém, desde a sua criação em 1975, professores pesquisadores que têm seus focos investigativos voltados para temas da área de avaliação educacional. A história do Programa registra, também, contínuos processos de avaliação e,

mais especificamente, de auto-avaliação, que chegaram a alterar significativamente os rumos do Programa.

Já em 1983, em seu oitavo ano de funcionamento, ao lado da avaliação proposta pela CAPES, este Programa experienciou um processo de auto-avaliação a partir da proposição e vivência de um novo paradigma na área da Avaliação Educacional: a Avaliação Emancipatória¹.

O novo paradigma foi criado de forma contrastante, isto é, suas características principais – em termos de "enfoque, definição, objetivos, implicações, limitações, contribuições e papel do avaliador" – foram discutidas à luz das características de outros modelos contemporâneos de avaliação de currículo. Assegurou-se, assim, a possibilidade de compreender que a geração de um paradigma é um processo cumulativo de produção de conhecimento em nível de teoria da avaliação educacional.

O paradigma da avaliação emancipatória, tendo como referências teórico-metodológicas a avaliação democrática, a crítica institucional, a criação coletiva e a pesquisa participante, constituiu-se em matriz praxiológica.

A vivência desse paradigma, colocado em ação, permitiu à equipe do programa engajar-se num projeto político-pedagógico de transformação de sua prática no contexto da pós-graduação brasileira.

Este paradigma foi amplamente discutido em âmbito nacional, na reunião anual da ANPEd em 1987, onde foi gerada uma proposta para a CAPES², como forma de avançar a sistemática de avaliação da Pós-Graduação.

2. Explicitando os fundamentos teórico-metodológicos da sistemática de auto-avaliação

Toda a prática de avaliação, assim como toda a prática educativa, traz implícita ou "embutida", como diria Paulo Freire, uma teoria ou fragmentos de teoria.

Os coordenadores desta avaliação³ procuraram explicitar os aspectos centrais da teoria subjacente a esta sistemática de auto-avaliação para um debate com o Colegiado do Programa.

¹ Ana Maria Saul, *Avaliação emancipatória. Desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo*.

² Ana Maria Saul e outros, *Proposta de Avaliação dos Programas de Pós-Graduação em Educação*.

³ As coordenadoras responsáveis pela implantação e sistematização da Sistemática de auto-avaliação do Programa foram as professoras Ana Maria Saul, Mere Abramowicz, no ano de 2001. A professora Isabel Capelletti passa a integrar o grupo de coordenação em 2002.

O roteiro que dirigiu a apresentação dos fundamentos teórico-metodológicos foram as chamadas "questões clássicas" da avaliação. Exatamente porque estas questões permitem múltiplas respostas, diferenciando posicionamentos e práticas, optou-se por buscar responder a estas questões e colocá-las em discussão.

2.1 Como entender o processo de avaliação?

"... A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra a avaliação, de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que-fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o *falar a como caminho do falar com.*"⁴

"... Não é possível praticar sem avaliar a prática. Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos alcançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões. A avaliação corrige a prática, melhora a prática, aumenta a nossa eficiência."⁵

A busca de compreensão do processo de auto-avaliação implica, necessariamente, um conceito de avaliação. Avaliação é um vocábulo polissêmico. O que aqui se propõe é revisitar o conceito de avaliação emancipatória⁶, entendida como um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando a transformá-la.

O paradigma da avaliação emancipatória inclui os conceitos de *emancipação, decisão democrática, transformação e crítica educativa*. Não é demais lembrar que a avaliação não é uma prática neutra; ao contrário, é comprometida com valores.

O ato de avaliar requer análises, julgamentos e posicionamentos conclusivos sobre a relevância dos objetos que estão sendo avaliados; trata-se, pois, de atribuição de significados; a avaliação será compreendida como uma prática que busca compreender e qualificar decisões, processos, resultados e impactos, atendendo ao compromisso de fazer com que professores e alunos escrevam a história deste Programa construindo

⁴ Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*.

⁵ *Ibidem*.

⁶ Ana Maria Saul, *ibidem*, pág. 61.

propostas e assumindo decisões no rumo da educação crítico-transformadora.

Após discussão, houve consenso do Colegiado do Programa na compreensão da avaliação como um:

- processo crítico, associado a uma vontade política de aperfeiçoamento, de melhoria do Programa;
- processo democrático, onde seja garantida a participação de professores e alunos;
- proposta pedagógica, sempre formativa, dos participantes do Programa; e
- ponto de partida e condição necessária à avaliação externa do Programa.

2.2 Por que auto-avaliação?

Partindo do entendimento que a auto-avaliação cumpre função igualmente importante e complementar à avaliação externa, este Programa destaca o papel da auto-avaliação como uma condição necessária para o aperfeiçoamento do Programa, na medida em que se potencializa o auto-conhecimento.

A auto-avaliação perderá a sua função nobre de promover o desenvolvimento do Programa e o de seus integrantes se, por uma visão equivocada for assumido o ranço de defesa contra resultados de avaliação externa com intuito de proteção ou ainda, de defesa de interesses corporativos.

Diante dessa compreensão mais global, o Colegiado do Programa assumiu que a auto-avaliação serve aos propósitos de:

- diagnosticar o momento de trabalho em que o Programa se encontra;
- aperfeiçoar o Programa: preservando e acentuando conquistas importantes, corrigindo rumos, apontando para novos horizontes, replanejando;
- encontrar/descobrir, novos sentidos para a ação;
- estimular uma participação efetiva, através do auto-conhecimento, que propicie o desenvolvimento pessoal de professores e alunos;
- criar condições que ampliem o vínculo de compromisso com o Programa; e
- subsidiar a avaliação externa.

2.3 O que avaliar?

Evidentemente, é importante que o Programa como um todo seja avaliado; no entanto, para efeito prático e de logística, procurou-se destacar alguns aspectos/focos, próprios da função de um Programa de Pós-Graduação e que por isto mesmo constituem o cotidiano da vida do Programa, a fim de que, refletindo sobre um elenco de possibilidades, o corpo docente e discente pudesse priorizar e programar os alvos a serem avaliados.

Assim, foram apresentados, ao Colegiado, possíveis focos de avaliação

- ensino
- orientação
- pesquisa
- publicação
- outras produções
- vínculos do programa com a graduação e pós-graduação
- extensão
- intercâmbio e cooperação técnica
- outros aspectos a serem definidos

2.4 Quem avalia?

No âmbito da prática educativa, esta questão que também foi colocada como um tema polêmico, hoje tem consenso entre os estudiosos da área, especialmente quando a orientação que se dá à avaliação é uma avaliação democrática.

Na perspectiva de uma avaliação democrática e participativa como esta que aqui se propõe, a resposta à questão “quem avalia” não pode ser outra, senão, que professores e alunos são os protagonistas da avaliação do Programa.

2.5 Como avaliar?

Responder a esta questão significa falar sobre a metodologia da avaliação. Buscando inspiração no paradigma da avaliação emancipatória criou-se, para esta sistemática de auto-avaliação, quatro momentos que serão descritos a seguir:

Problematização - caracteriza-se pelo questionamento sobre os focos de avaliação. É o momento de tornar o foco de avaliação compreensivo e de explicitar a ótica a ser privilegiada. A problematização pode ser feita através de depoimentos de professores, questões formuladas para o grupo que avalia, relatos dos alunos, textos geradores, resultados de pesquisa, resultados de avaliação da CAPES e demais formas que venham a ser encontradas.

Análise Crítica - é momento de reflexão aprofundada sobre os questionamentos levantados na "problematização", através de um conjunto de critérios sobre os quais deve haver acordo do grupo. A crítica, nesta metodologia, é crítica educativa, formativa para quem dela participa. Propõe-se uma análise valorativa do Programa, na perspectiva dos participantes que nele atuam.

Síntese - é o momento conclusivo do processo, em relação aos dois anteriores. Este momento concretiza o pressuposto da "restituição sistemática" que consiste em trabalhar as evidências e as análises feitas em momentos anteriores, de forma sistemática e organizada.

Proposições - aqui serão apresentadas soluções, recomendações, pistas e encaminhamentos indicando ações necessárias e perspectivas para o Programa, na direção do desenvolvimento e aperfeiçoamento do mesmo, rumo às transformações desejadas. Este é o momento da criação coletiva.

A proposta desta sistemática de auto-avaliação prevê que os momentos de avaliação privilegiem a discussão coletiva e que cada sessão evidencie as reflexões sobre os temas/alvos que vão da "problematização às proposições". No entanto, nem sempre é possível percorrer os quatro momentos em uma única sessão destinada à auto-avaliação.

Uma das lições importantes que a prática da avaliação ensina é o respeito à cultura da instituição em que se desenvolve a avaliação. No caso de um Programa de Pós-Graduação, é importante estar atento às formas como os professores e os alunos de um Programa interagem, verificar se há práticas coletivas de trabalho, observar qual é a rotina de reuniões, identificar como professores e alunos reagem às avaliações, conhecer a forma como os grupos estão socializados para receber informações (jornais, murais, e-mails, reuniões etc.). Com este entendimento, ao propor esta sistemática de auto-avaliação buscou-se respeitar a cultura avaliativa do Programa de Educação (Currículo) e o modo de funcionamento do mesmo.

Atualmente o Programa está estruturado em dois núcleos que integram linhas de pesquisa. O trabalho coletivo é uma prática de há muito instalada neste Programa e a reunião semanal do Colegiado paritário de professores e alunos é uma prática que se instalou desde 1985. Diante deste perfil, concluiu-se que o locus prioritário para o desenvolvimento do processo de avaliação são as reuniões do Colegiado.

2.6 Registrando o processo

É importante que o registro do processo seja sistemático, a fim de permitir o acompanhamento da trajetória da avaliação, o resgate da memória e subsidiar a modalidade complementar de avaliação.

O registro da auto-avaliação permitirá a elaboração de diferentes relatórios ou sínteses que serão elaborados, tendo em vista as diferentes "audiências da avaliação": públicos interno e externo.

3. Relatando percurso da sistemática de auto-avaliação do programa

A estrutura deste item aproxima-se da forma de exposição do mesmo, no Seminário de Avaliação, mencionado anteriormente. Apresentarei, de forma cronológica e cursiva, uma síntese do desenvolvimento do atual processo de auto-avaliação do Programa, de modo a comunicar, da forma mais aproximada possível, o percurso desta sistemática.

As reuniões do Programa para o desenvolvimento desta sistemática iniciaram-se em agosto de 2000. Até o final desse ano foram realizadas quatro reuniões.

O processo iniciou-se com uma apresentação, ao Colegiado do Programa, de uma síntese da atual Proposta de Sistemática de Avaliação.⁷

Discutidos os fundamentos e a metodologia, e uma vez assumida a proposta, passou-se imediatamente à escolha do primeiro tema a ser discutido como foco da avaliação.

O tema: a aula – o que significa ensinar, na pós-graduação? foi eleito, pelo Colegiado, para ser problematizado na sessão seguinte de auto-avaliação.

Decidiu-se, também, que a problematização seria feita a partir de um texto escrito pelo professor Marcos Masetto⁸.

⁷ O documento síntese foi elaborado pelas professoras Ana Maria Saul e Mere Abramowicz.

⁸ Marcos Masetto é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo).

Na reunião de setembro, dedicada à auto-avaliação, discutiu-se o tema amplamente; cada um dos professores posicionou-se frente ao texto, trazendo para o debate as suas crenças e as suas práticas a respeito do tema.

Na análise do tema aula – o ensino na pós-graduação, emergiu o segundo tema para a auto-avaliação. A pesquisa na pós-graduação, relacionada ao ensino, foi o foco selecionado.

Desta vez, uma publicação da professora Maria Malta Campos⁹, no Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, foi o texto gerador da discussão. Novamente a discussão foi aprofundada e bastante viva, sendo que os professores se posicionaram frente aos conceitos e diante de suas práticas. Foram registrados as aproximações e os distanciamentos diante dos posicionamentos sugeridos pelo texto e a partir dele.

A quarta reunião de auto-avaliação do ano realizou-se em novembro. Havia sido acordado, na reunião do mês anterior, que o tema para este encontro seria: a orientação de dissertações e teses, no Programa. Os professores solicitaram aos representantes de alunos que integram o Colegiado que se responsabilizassem pela problematização deste tema. Os alunos providenciaram, para esta reunião, uma síntese de respostas que foram colhidas de colegas, via Internet. As expectativas e dificuldades dos alunos, quanto ao processo de orientação de dissertações e teses, foram discutidas pelos professores e alunos presentes à reunião.

Já em fevereiro de 2001, por ocasião da Semana de Planejamento que se desenvolveu no Programa, foi dedicado um dos períodos à questão da auto-avaliação. Nesta sessão foi retomado, pelo Colegiado do Programa, a discussão sobre a Sistemática de Avaliação em desenvolvimento, colhendo-se a análise dos presentes sobre o desenvolvimento deste processo iniciado em agosto do ano anterior, numa perspectiva de meta-avaliação.

Houve consenso quanto aos seguintes aspectos:

- o processo tem se revelado valioso tanto para o Programa como para o desenvolvimento pessoal /profissional dos professores e dos alunos que dele participam;
- é fundamental sistematizar o processo;
- os temas discutidos até o momento foram adequadamente problematizados, porém a análise dos mesmos ainda não passou pelo crivo

⁹ Maria Malta Campos é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo).

de critérios que precisam ser definidos e aceitos pelos próprios integrantes deste processo de avaliação.

O foco acordado para a reunião de auto-avaliação do mês de março/2002 foi: publicações.

A problematização do tema "publicações" foi feita de duas maneiras. O coordenador do Programa apresentou uma análise da última avaliação feita pela CAPES, destacando, especialmente, o item "publicações"; ressaltou os critérios utilizados pela comissão de avaliação para atribuir as notas máximas aos Programas, neste quesito. Houve uma calorosa discussão em torno dos aspectos apresentados. Completando o que havia sido acordado em relação à problematização deste tema, um texto de Ivani Fazenda¹⁰, já publicado, que contém considerações sobre o "o papel da produção (teses/dissertações)", o papel da produção na Pós-Graduação "e "da socialização da produção" foi apresentado pela autora. A discussão do Colegiado prosseguiu e, em não tendo se esgotado, decidiu-se retomar este foco na próxima sessão de auto-avaliação, onde será discutida a "política de publicação para o Programa".

4. Próximas etapas do processo de auto-avaliação

As próximas etapas previstas para o desenvolvimento da sistemática de auto-avaliação serão apresentadas a seguir.

a) Aprofundamento da problematização dos temas já discutidos, crivando as descrições e as análises preliminares com um conjunto de critérios levantados a partir dos objetivos do Programa.

Para tanto, um conjunto de ações são necessárias:

- transcrição das fitas que registraram as discussões sobre os temas focalizados;

- seleção de trechos, em áudio, de pontos críticos das discussões;

- seleção, na transcrição, de pontos críticos para análise;

- levantamento de questões que tenham implícitos os critérios para análise crítica dos aspectos discutidos em cada um dos temas, tendo como referência os objetivos do Programa;

- realização de novo debate sobre os temas focalizados, a partir das questões pontuadas e de novas possíveis questões/critérios, apresentados pelo próprio Colegiado, no momento da análise;

- apresentação de propostas de ação, sempre que for o caso, frente às conclusões avaliativas de cada um dos temas/focos.

b) Levantamento de novos temas/focos para a auto-avaliação.

¹⁰ Ivani Fazenda é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo).

c) Sistematização gradativa da auto-avaliação, registrando processo e resultados.

d) Análise conjunta dos resultados da auto-avaliação e da avaliação externa do Programa.

e) Divulgação de conhecimentos na área da Avaliação Educacional.

Referências Bibliográficas

CASALLI, Alípio. *Memórias. 20 anos do Programa de Educação (Currículo) da PUC/SP*, 1995.

ESTRELA, Albano; NÓVOA, António. *Avaliações em educação: novas perspectivas*. Porto Editora, Portugal, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Cortez, 1997.

PERRENOUD, Philippe. *La construcción del éxito y del fracasso escolar*. 2 ed., Madrid: Ediciones Morata y Fundación Paidea, 1996.

RICO, Elisabeth Melo (org.) *Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate*. São Paulo: Cortez, 1998.

SACRISTÁN, Jose Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SAUL, Ana Maria. *Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo*. São Paulo: Cortez, 2001. 6 ed.

SAUL, Ana Maria e outros. *Proposta de avaliação dos programas de pós-graduação em educação*. Rio de Janeiro: Boletim ANPEd, 1987.